

MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 216p.

***Desmundo*, de Ana Miranda: uma história do medo no Brasil**

Maria Isabel de Matos Andrade *

Se não houvesse a malícia das mulheres, mesmo não dizendo nada das feiticeiras, o mundo estaria liberto de incontáveis perigos. A mulher é uma quimera. Seu aspecto é belo; seu contato fétido, sua companhia mortal. É mais amarga que a morte, isto é, que o diabo cujo nome é a morte segundo o Apocalipse.

Jean Delumeau

O romance *Desmundo*, publicado em 1996 por Ana Miranda, narra a trajetória de jovens órfãs que são enviadas para o Brasil, em 1555, pela rainha de Portugal, para se casarem com cristãos que habitavam a colônia. A epígrafe informa o leitor:

Numa noite estrelada do ano de 1555 chega ao Brasil uma caravela trazendo uma leva de órfãs mandadas pela rainha de Portugal para se casarem com os cristãos que aqui habitavam. Com a mente repleta de sonhos e fantasias, elas pisam pela primeira vez a terra distante, onde um mundo rude, belíssimo, violento, as espera.

Uma dessas jovens, Oribela, é quem narra a história: no Brasil ela se casa, a contragosto, com o português Francisco de Albuquerque. Insatisfeita, planeja todos os dias retornar para Portugal. Empreende várias fugas e envolve-se com Ximeno, um mouro que lhe dá abrigo em sua casa. Além dessa história, há, também, no romance, outras histórias de mulheres, com a de Dona Branca, sogra de Oribela, e a de dona Urraca, senhora judia que fora enviada ao Brasil para cuidar das demais órfãs.

O que se percebe é que essas personagens são marcadas por uma história do medo, tal como apontou Jean Delumeau em *A história do medo no Ocidente*. Nesse livro, o filósofo enumera medos que estariam presentes na sociedade ocidental: o medo que se teria das doenças, dos judeus, dos muçulmanos e, também, da mulher. Há muito tempo, a relação do homem com o chamado “segundo sexo” é ambígua e contraditória. Para Delumeau, as pinturas, por exemplo, desde a Idade da Pedra, são, em sua maioria, representações do feminino (p. 326) No período romântico, a mulher foi, ainda, exaltada por pintores e escritores. Em vários grupos, notadamente patriarcais, o medo que se tinha da mulher era presente, ainda que não registrado em formas artísticas.

Em 1485, na Alemanha, Heinrich Kramer e Jacob Sprenger escreveram o *Malleus maleficarum*, que é uma espécie de manual constituído por três partes. A primeira auxilia na identificação das bruxas, a segunda explica detalhadamente os malefícios que elas causariam e a terceira orienta como deve ser a atitude do demonólogo ao se deparar com uma mulher que fosse identificada como bruxa.

No romance *Desmundo*, a identificação entre as mulheres e a feitiçaria é explícita, além de associá-las ao demônio, às doenças e a toda sorte de mal. Um exemplo dessa identificação pode ser visto na representação da mulher como tentação. Segundo a narradora, “Deus manda as tentações aos filhos que deseja provar, por os querer para si, os estar vendo diante de si, e a seus pés e lhes manda mulheres nuas para atentar”. (p. 40) Os homens, segundo esse trecho, seriam puros, expostos à provas de sua retidão, sendo as mulheres instrumentos de provação. Aproxima-se essa citação de uma reflexão de Delumeau, quando afirma serem as mulheres, nesse contexto, vistas paradoxalmente, como agentes de Satã, a serviço de Deus.

A partir da convicção de que as mulheres teriam uma inclinação natural ao mal, ao demoníaco, as órfãs eram orientadas a rezarem sempre, para fugir dessa maldição. A narradora relata:

E nos mandaram em joelhos rezar, que fazíamos pouco de nossos ímpetos mulheris dados ao demônio que devíamos temer e vigiar, vivia o Mau dentro de nossas almas negras, para não sermos arrebatadas pelo espírito do maligno e que depois nos fôssemos confessar em joelhos. (p. 41)

Chamo a atenção para a associação das mulheres ao Mal. O feminino, que a narradora chama de “ímpetos mulheris”, é associado ao demônio, bem como a referência a almas negras e ao fato de as mulheres serem vulneráveis ao espírito maligno. Aconselha-se, assim, que elas permaneçam em alerta, já que o Mal estaria não só por perto, mas dentro delas, aguardando apenas uma distração, ou seja, um momento em que estas não seriam extremamente religiosas, para manifestar-se. Para outras correntes, como a do jurista francês do século XI Jean Bodin, a condição pecaminosa da mulher seria irreversível. Delumeau assim se refere a sua postura:

o temível Jean Bodin não descobre para a mulher culpada nenhuma circunstância atenuante, já que não crê na “fragilidade” de um sexo que lhe parece, ao inverso, marcado na “maioria” por uma “obstinação indomável” e pela “força da cupidez bestial”. Para eles, assim como para os autores do *Malleus*, a mulher é a “flecha de Satã” e a “sentinela do inferno. (p. 325)

Percebe-se, nessa citação, a chamada “cupidez bestial” da mulher, ou seja, sua cobiça irracional, ou ainda como queria Bodin, a mulher como instrumento de Satanás, a flecha de Satã, a sentinela do inferno. No romance, essa aproximação da mulher ao reino de Satã dá-se, também, a partir da representação do feminino numa espécie de bestiário. Nas palavras de Oribela:

Dizia meu pai. Que besta tu és de asas, feito uma galinha que quer avoar e não pode. Assim eram as mancebas, como aves. Seria a dona Tareja uma ema, porque o corpo é grande e pesado, seria eu um açor bravo que tem que comer as coisas ruins do mundo, seria a Velha um galo que anuncia a luz e as outras órfãs umas pombas, que vão onde mandam, haja sombra (...). (p. 41)

Oribela, assim, é identificada pelo pai e por si mesma a uma besta, portanto, ao irracional e animalesco. Ora como uma galinha, ora como uma ave de rapina. Enquanto seu pai a vê como uma mulher limitada, ela acredita ser brava, forte e saber lidar com o mundo. A velha aparece como um galo, sendo sábia e experiente, e, por último, as órfãs, inocentes como as pombas que iriam para onde fossem mandadas.

Delumeau afirma, ainda, como sendo presente na sociedade ocidental, o medo da mulher e sua aproximação ao medo do judeu. Ele cita o franciscano espanhol Alvaro Pelayo, autor de uma ladainha sobre os vícios das mulheres, que, em uma de suas litanias, conclui que as mulheres, sob um exterior de humildade, escondem um temperamento orgulhoso e incorrigível, no que segundo ele se assemelham aos judeus (p. 325). Por consequência, grande temor ocasionaria o encontro dessas duas condições, ser mulher e judia. No romance, como pode ser verificado no fragmento a seguir, podemos observar essa confluência:

No mosteiro pregavam contra Dona Urraca e ela ouvia em lágrimas, assassina de Jesus, filha de gente sem rei nem terra, que alevantavam o preço das coisas, era seu povo causa da peste e da fome que matava os cristãos por os cristãos mercadejarem às suas janelas e que tinham os judios contas com Deus e escrituras falsas desde começo do mundo, que adoravam uma

bezerra de metal e a ela sangravam seus filhos sem gratidão por Deus que os tirara do cativeiro do faraó e se pareciam aos bestiais mouros, adoravam também as rãs e os galos. (p. 56)

Dessa forma, Dona Urraca era a corporificação de ambos os medos, o que a tornava temida em várias ocasiões até mesmo entre as mulheres. Acusada de deicídio, de ser culpada de peste, fome, desonestidade e idolatria. A mulher, para Delumeau, vem sendo relacionada ao demoníaco e distanciada do “bem” desde tempos remotos. O *Malleus Maleficarum*, já citado e a *Suma dos pecados*, de Benedicti, são dois exemplos de uma literatura que reforçou esses mitos. Benedicti afirma que: “os antigos sábios nos ensinaram que todas e quantas vezes o homem fala por muito tempo com a mulher ele causa sua ruína e se desvia da contemplação das coisas celestes e finalmente cai no inferno. Em *Desmundo*,

O amor não era coisa criada por Deus, que criara o mundo, o homem, as feras, as estrelas do o mais e não criara o amor e nem a mulher, tivera que nos tirar de uma costela do homem para nos fazer do que logo se arrependera assim como de ter feito as carnes quentes nossas e as frias dos lagartos. Dizia meu pai que um cão comera a costela de Adão e dali fizera Deus a mulher não da costela, mas do excremento. (p. 194)

A mulher, assim, não seria uma criação direta, mas indireta e escatológica. A idéia da criação a partir de fezes, e de fezes de um cão, agrava a sua condição de subespécie e a aproxima da condição animal. O sentido negativo atribuído à mulher pode também ser visto, no romance, a partir do uso de certos vocábulos: almas enganadas, mancebas de danados apetites, putinhas contritas, macha, velha parida, freira fodida, virgem destapada, filhas dos demos, rainhas do purgatório, deusas dos infernos, cassetras dos desterrados, flores de desertos, formosa e não presta nada, bem pintada e mal lograda, puta, três vezes puta, puta de Cananor, puta de Malabar, puta de Catchi, uma perdida, frouxa, rabugenta, pé-de-ferro, regateira baça, demoninhada, pardeus, ora vai-te, eramá, mexeriqueira, sonsa, tinhosa, que cheiras a raposa, rasto de burra, torta defumada, perfeição das mulheres, cabelos longos, mãos delicadas, pés chicos, dentes miúdos, orelhas finas, seios redondos, testa lisa, ancas fornidas, lábios carnosos, pescoço longo, garganta suave, só para citar alguns exemplos.

Essa lista quase infinita de depreciações estabelece uma relação ambígua que se tem com a mulher. Na maioria das vezes, ela é temida, mas, ao mesmo tempo, a ela parecem ser concedidas chances de se redimir. Essa condição pode ser exemplificada no trecho: “e dizendo da fraqueza de nosso coração mulheril e das virtudes de esposa que eram, vigília, oração, humildade, disciplina do corpo, contemplação da glória celestial, penitências, uma ribeira em nossos olhos a navegarmos ao céu da lua”.¹¹ Portanto, as virtudes da mulher casada e as penitências seriam exemplos de possibilidades redentoras.

Oribela, Dona Urraca, Dona Branca e Temericô são personagens que traduzem, de forma inequívoca, a condição da mulher no romance. Oribela, a narradora, é voluntariosa e insubmissa. Ela corporificaria uma faceta que Delumeau afirma ter sido um dos argumentos para o medo que se sentiria da mulher: a instabilidade. Pelo menos três opiniões são apresentadas em relação à Oribela: a sua própria, a do padre e a de seu pai. Como já foi dito, ela se vê como uma ave de rapina, seu pai como uma galinha que quer voar e não pode e assim pelo padre:

Oh como és parva. Uma perdida! Decho que praga, tão bom homem ele parece ele e tu uma frouxa, rabugenta, pé-de-ferro, regateira baça, demoninhada, pardeus, forte birra é esta que tomas contigo, ora vai-te, eramá, como te amofinas, mexeriqueira e sonsa, que rosto de mau pesar para

casarem contigo, tinhosa, que cheiras a raposa, rasto de burra, torta defumada. E d'arrancada deu com uma vara. (p. 57)

A opinião do religioso, assim, corrobora as idéias tanto de Oribela, quanto do seu pai. Como avalia Delumeau, a afirmação do temor da mulher por autoridades religiosas e relacionadas à lei fez com que um medo espontâneo se tornasse refletido. O medo que já rondaria os homens naturalmente encontrou justificativas e fundamentações religiosas e legais que o tornaram mais forte.

Dona Branca, sogra de Oribela, é descrita como sábia, aquela que conhece segredos, quase uma feiticeira:

Tinha ela muitos olhos, de mãe, de abadessa, de falcão, os olhos de inquirir o mais fundo, em seu calado modo via por dentro das almas, como fosse uma sibila e devia de saber ver nas panelas de água, nas pedras de cristal. Sabia feitiços? Que lhe fora outorgado um poder do céu e da terra e podia olhar para os raios do sol em cegar suas vistas, sua alma se desfazia do corpo e avoava pelos céus até a cidade, cada noite, a visitar a irmã, ou até o reino, onde bailava nas festas ou via do lado derainha os autos e sabia do que se passava nas câmaras do rei, onde se decidiam as guerras e as moedas, os destinos das armadas e tudo o mais. Sabia ela fazer partos, rezas, sabia cuidar das deleitações do corpo, sabia dizer quando era anjo que se tornou carne, ou diabo em corpo de mulher, que a ouvisse eu, sabia prosar com as cegonhas e as vacas tinha parte, tirar as quenturas do estômago de mulher e tirar de mulher a sensualidade. (p. 99)

Os seus “muitos olhos” mostram sua multiplicidade e sabedoria, que ia além das coisas concretas, em um âmbito misterioso. Delumeau afirma que a mulher é mais próxima do ciclo entre vida e morte e isso pode ser verificado em dona Branca: ela dera luz a Francisco de Albuquerque, que seria a pessoa a tirar-lhe a vida. A mulher vem sendo relacionada ao mistério da maternidade, os ciclos e as secreções femininas que constituem um mundo desconhecido pelo masculino e, por isso, aterrorizador. Por dar luz aos filhos, a mulher é relacionada com a natureza de forma mais direta do que o homem e, por conseqüência, associada aos feitiços.

Percebe-se que o medo tem várias facetas e o da mulher não é diferente. Em cada uma das personagens de *Desmundo*, percebe-se uma delas: mistério, encantamento, feitiçaria, volúpia e instabilidade. Ao mesmo tempo, cada uma das personagens é descrita também com qualidades como força, sabedoria, bravura e sensibilidade, que reafirmam a ambiguidade do tratamento dispensado à mulher, como o afirmou Jean Delumeau em *A História do medo no ocidente*. A mulher seria vista como uma espécie de contradição viva, corporificação de paradoxo entre vida e morte, começo e fim, desde os tempos mais remotos.

* **Maria Isabel de Matos Andrade** é Mestranda em Letras: Estudos Literários na Faculdade de Letras da UFMG.

Referência

DELUMEAU, Jean. *A história do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. Trad. Heloísa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.